

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
AS ESTRANHAS VIAGENS DE FERNANDO FERNÁN-GÓMEZ
14 e 25 de Fevereiro de 2026

SÓLO PARA HOMBRES / 1960

Um filme de Fernando Fernán-Gómez

Realização: Fernando Fernán-Gómez / Argumento: Fernando Fernán-Gómez, baseado na peça teatral *Sublime Decisión*, de Miguel Mihura / Direcção de Fotografia: Ricardo Torres / Cenários: Félix Michelena / Música: Antón García Abril / Montagem: Rosa Salgado / Interpretação: Fernando Fernán-Gómez (Pablo Meléndez), Analía Gadé (Flora Sandoval), Elvira Quintillá (Felisa), Juan Calvo (Don Claudio), Manuel Alexandre (Manolo Estévez), Joaquín Roa (José), Charo Ortega (Matilde), Erasmo Pascual (Justo Hernández), Ángela Bravo (Cecilia), José Maria Lado (deputado), Rafaela Aparicio (mulher de Justo), etc.

Produção: Ágata Films / Cópia: digital, preto e branco, falada em castelhano com legendagem eletrónica em português / Duração: 85 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Sólo para Hombres foi a sequência que Fernán-Gómez deu ao sucesso do seu díptico sobre **La Vida (por Delante & Alrededor)**. O mais curioso, tendo isso em mente, é a forma como o filme parece fugir, em quase tudo, a esse par de filmes, para depois o reencontrar.

Foge no registo, que se em **La Vida** era realista e quotidiano em **Sólo Para Hombres** é assumidamente teatral (com origem num dos autores preferidos de Fernán-Gómez, Miguel Mihura), não tanto pela assunção do artifício como o realizador faria por exemplo em **La Venganza de Don Mendo**, o seu filme seguinte, porque se está sempre num tom bastante naturalista, mas pela velocidade, pelo ritmo, pela verve dos diálogos, que têm estampada a marca das farsas e das comédias teatrais (e se é verdade que Fernán-Gómez, mais uma vez, quebra a “quarta parede” e se dirige olhos nos olhos ao espectador, também é verdade que ele nunca precisou de carregar na tecla do teatro para o fazer).

Foge na época, que deixa de ser contemporânea para passar a um retrato da sociedade espanhola do final do século XIX. Território mais seguro, pensando nas chatices com a censura que Fernán-Gómez teve que debelar em **La Vida Alrededor**, mas não necessariamente mais anódino enquanto zona de caça para a crítica social e política. Porque é evidente que nesta Espanha solene, estratificada, corrupta nas grandes e nas pequenas coisas, cheia de tabus e espartilhos morais mais ou menos caducos, o que interessa a Fernán-Gómez não é criticar o século XIX, é reflectir o século XIX que ainda se encontrava na mentalidade social espanhola à entrada da década de 60 do século XX.

E foge – durante boa parte do tempo – ao registo de comédia de casal, para dar um mundo em que homens e mulheres não são aliados (nem mesmo no matrimónio), mas adversários. É, de resto, todo o sentido da peça de Mihura, e que o filme se diverte a explorar com todos os quiproquós expectáveis na história de uma mulher que se lança num mundo predominantemente masculino, o mundo dos burocratas e dos ministérios. Nesse sentido – outra diferença para o díptico anterior – é um filme que “autonomiza” o lugar da actriz, esta maravilhosa e tão esquecida Analía Gadé, que já não a faz depender de um lugar numa *pareja*

como acontecia nas duas **Vidas**, e lhe dá todo o espaço para brilhar – e ela brilha, tão azougada como as mais azougadas das grandes actrizes cómicas da Hollywood clássica (pensamos numa Ginger Rogers, por exemplo). Gadé era por estes anos a principal cúmplice de Fernán-Gómez, no teatro, no cinema e na vida pessoal (embora não tenham casado). Não custa acreditar que **Sólo para Hombres** tenha sido, também, e como factor determinante, uma oferta, um filme muito mais à medida da actriz do que do actor/realizador.

O que é singular, depois destas fugas todas, é que a dado passo, no seu terço final, **Sólo para Hombres** se encontre numa situação similar à do díptico. Pablo e Flora (Fernán-Gómez e Gadé) tornam-se um casal e, ambos (temporariamente) sem emprego, vêm a vida *por delante* muito complicado. A solução virá por um golpe de justiça quase mágica (um *coup de théâtre*, na verdadeira acepção do termo), muito de acordo com o espírito que perpassa pelo filme todo, mas esse segmento, que tão directamente ecoa os filmes anteriores, mostra bem que Fernán-Gómez, no fundo, e apesar de todo o guarda-roupa século XIX, continuava a falar da mesma coisa: como era árdua a vida dos jovens madrilenos sem pedigree familiar em meados do século XX.

Luís Miguel Oliveira